

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA



28 DE NOVEMBRO DE 1880

Faz hoje tres mezes que, de entre o episcopado portuguez, desaparecera um dos vultos mais distinctos!

Ha tres mezes que funereos crepes, se destenderam por sobre os tropheus da Egreja Lusitana, e que as lagrimas de um povo arjofraram uma campã que se cerrava!

Ha noventa dias que a Egreja Primacial do Oriente chora em desconsolada viuvez a morte do seu pastor, e que milhões de filhos lamentam a perda do que em vida lhes servira de Pae!

D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos deixára de existir na terra!

O Arcebispo modelo; o Apostolo, o discipulo de Jesus, que deixára a patria, que se desprendera dos braços da familia, e d'um povo que o idolatrava para cumprir os designios do Vigario de Jesus Christo, abandonára este valle de lagrimas para ir no Céo receber a corôa dos martyres, dos escolhidos do Senhor!

E é a corôa dos martyres a que ornamentará a fronte do Arcebispo de Goa, porque elle, como o fizeram os primeiros apostolos, despresava as commodidades dos paços archiepiscopaes, e ia, qual Pae que ama deveras seus filhos, procural-os, consolal-os e animal-os com sua palavra eloquente. Para isso o viram entre si os povos de Bombaim, Cochim, Tuticurim, Maduré, Madrasta, Maliapor, Benguella e Ceylão.

E foi n'esta penoza viagem, n'esta visita feita aos povos que lhe estavam confiados, que o sabio e virtuoso Primaz do Oriente alcançára a molestia que o obrigára a vir procurar nos ares da Madeira, sua terra natal, a saude que perdera no serviço de Deus e da Patria.

A 28 de novembro de 1880, pelas dez horas da manhã soltava o ultimo suspiro o mais illustre filho da Ilha da Madeira, nos braços d'um padre jesuita, na capital do reino onde então se achava. Eram os desejos do nobre Prelado satisfeitos:—morrera assistido de um jesuita. E esse jesuita era um filho de Guimarães.

A Redacção do *Progresso Catholico* não podia, nem devia olvidar esta data:—28 de novembro de 1880. E se não deu antes provas do seu sentimento pela morte do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, nem por isso fora elle menos doloroso que o de aquelles que primeiro o fizeram.

Vimos tarde, mas mesmo tarde, não são as nossas as ultimas lagrimas que cahem sobre o tumulo do Arcebispo de Goa; todos os correios nos trazem os jornaes catholicos de além mar humedecidos com lagrimas, signal de que é profunda a dor ainda nos filhos que perderam tão bom Pae.

Como catholicos aqui deixamos nas paginas do *Progresso Catholico* uma cruz erguida, que será eterno padrão á memoria do que foi grande entre os maiores vultos do Episcopado da Egreja Lusitaná.

Era nosso intento n'esta occasião dar aos nossos assignantes o retrato do finado Arcebispo; não nos foi possivel conseguil-o. Se mais tarde Deus nos ajudar a fazer do *Progresso Catholico* uma revista illustrada, cumpriremos então a promessa que a nós fizemos, dando tambem a biographia de S. Ex.^a Rev.^{ma}

Receba a illustre familia do finado os nossos sentidos pezames, e o povo da Madeira a prova do nosso sentimento.

A REDACÇÃO.

SUMMARIO:

Que pensar do homem terciario? pelo P.º Senna Freitas, (continuação). = SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem macaco*, pelo P.º F. Sanches, (continuação). = SECÇÃO CRITICA: *Exame critico d'um mau livro*, pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares, (continuação); *Na Madeira*, por Elias de Sampaio; *Coisas! Coisas!*, por um vimaranense; *O merito recompensado*, por J. T. = SECÇÃO HISTORICA: *A Collegiada de Guimarães*, pelo P.º Abilio A. de Passos. = SECÇÃO LITTERARIA: *A Virgem Immaculada*, poesia por um livre-pensador; *Uma boa resposta*, pelo P.º Senna Freitas. = RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas. = SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.

GUIMARÃES 28 DE FEVEREIRO DE 1881

Que pensar do homem terciario?

(Continuação)

A questão da existencia do homem terciario está sendo actualmente uma das mais debatidas no mundo scientifico entre gregos e troianos, e é incontestavelmente uma das mais importantes a que o espirito sério e pensador pode dirigir a sua attenção. Toca na origem primeira da humanidade e confina immediatamente com o terreno da tradição religiosa.

Dizia eu no meu precedente artigo, que a verdade do texto mosaico não era infirmada de um modo directo e formal, ainda quando se demonstrasse a existencia do homem terciario, e sustentou-o debaixo do ponto de vista porque ali explicava o meu asserto. Demais, folgo de vel-o, n'este instante em que escrevo, corroborado pela opinião de um tão eminente theologo como o dominicano Monsabré, illustre conferente de Notre Dame de Paris.

A continuação, porem, do estudo que tenho feito sobre o assumpto vertente, convence-me cada vez mais de que o scopo que menos se mira na questão do homem terciario, é ser elle terciario, mas ser sim o producto de uma transformação natural na escala zoologica. A questão não é tanto chronographica como genesica ou de origem, por isso se recua até aos ciclos prehistoricos em ordem a descobrir entre o ossuario fossil o do protoparente humano, supremo desenvolvimento do gorilla e do chimpanzó. Em ultima analyse, pouco influiria, biblicamente fallando, que elle pertencesse á epocha terciaria ou glaciaria, porque não está de maneira alguma definido o paralellismo preciso que existe entre as epochas scientificas e os dias da criação, tal qual nos é narrada por Moysés (1). O historialor he-

(1) Nem mesmo ha perfeito accordo nos geologos sobre as estremas das epochas terciaria e quaternaria. Os que, por exemplo, admittem os sillex talhados do terreno terciario-medio, fazem remontar a idade do pedra alem da epocha quaternaria.

breu não pretendeu *fazer sciencia*, mas legar por escripto á sua nação as tradições sagradas e oraes que remontavam até á revelação edenica.

O que sobretudo se leva em mira é estabelecer por factos de observação paleontologica a verdade da theoria darwinista que sustenta a expansibilidade progressiva de todos os seres do reino mineral, vegetal e animal, *inclusivamente do homem*, pela lei do evolucionismo. Estabelecido este facto, o homem cessa de ser uma criação distincta e immediata, consoante o affirmo o hexameron christão, e principalmente o Genesis de Moysés, e não é mais do que o derradeiro e supremo esforço da evolução zoologica, phenomeno natural e espontaneo que dispensa o *fiat* da intervenção divina.

Sob este aspecto, a questão requinta de interesse e adquire um caracter scientifico-religioso a que não deve, a que não pode ser estranha uma revista que no seu programma abraça este duplo objecto, e nasceu para dar o seu modesto dia d'operario ao desenvolvimento do catholicismo em Portugal, cingindo, quando seja mister, o aruez do athleta para justar, sem orgulho descabido mas sem retrahimentos de covarde nem treguas de indolente, com os adversarios *d'hoje*. Fallo dos adversarios d'hoje, que dos mortos e enterrados nos dictionarios das heresias não ha para que nos occupemos.

Em geral, os jornaes religiosos do nosso paiz pouco ou pouquissimo teem pulsado os assumptos scientificos e palpitantes da hora presente. Dobam e tornam a dobar questões em si momentosas, porem que mil e uma vezes foram ventiladas e que do que teem me-nos é de actuaes. «Christianismo,» «paganismo,» «religião,» «perseguidores,» «heresias,» «moral evangelica,» são lugares communs, que a poder de rebatidos, já pouco ou nada assaboram o paladar dos assignantes. Ficam indifferentes e de taes artigos limitam-se a ler-lhes... o titulo, galgando de salto para a sessão noticiosa, que é fructa do tempo. Assumptos embora religiosos, mas vagos, nada aliantam, nada attingem, nada destroem n'uma epocha em que o grande *casus belli*, o torneio

de vila ou de morte travado entre a imprensa catholica e livre-pensadora já não é a heresia, nem mesmo o racionalismo christão, mas o positivismo materialista, mais ou menos franco, mais ou menos hypocrita, com o cortejo de todas as ramificações scientificas e litterarias n'elle filhadas.

Perdoem-nos os nossos collegas do jornalismo que lhes invadamos um pouco a testada, e aculam sem hesitações ao appello que lhes dirigimos. E' mandato nosso, é dever de todo o periodico religioso de certo bór-lo entrar de pleno pé no assombroso movimento scientifico da actualidade e responder ás justas exigencias dos nossos assignantes que sobre as materias debatidas no momento presente entre os dois campos da fé e da incredulidade, desejam ter certas noções, exactas e seguras. Amistiemos humilhações intempestivas, estudemos e produzamos o que pudermos. Antes um tudo-nada que nada.

O *Progresso Catholico* entende, por conseguinte desempenhar-se de um compromisso, consagrando sempre algumas das suas columnas á sessão scientifica, aberta desde o seu primeiro numero, ou mesmo fazendo d'ella por vezes o lemma dos seus artigos de fundo.

Devêra eu declinar semelhante especialidade, irriçada de escabrosidades, ao nosso distinctissimo collaborador e meu intimo amigo; padre Francisco Sanches, que por muitas vezes e tão proficientemente tem dissertado n'esta revista sobre as causas finaes, sobre o transformismo, sobre o homem-simia etc., consoreiando, a par de muita modestia, a extrema correcção da forma litteraria com o rigor didactico e a perfeita orthodoxia da doutrina. Não importa. Emquanto elle abate com mão vigorosa a messe damninha do erro, cá vou eu atraz arrancando o rastolho, conforme puder, para lhe aligeirar o serviço.

Assim, retomando o clencho com que epigraphiei o meu precedente artigo de fundo, prosigo a questão do *homem terciario*.

Propriamente, o amago da pendencia reduz-se, como já insinuei, a saber se se encontra ou não no terreno paleontologico esqueletos ou simplesmente cra-

neos humanos, que demonstrem a existencia do homem primitivo, menos perfeito, physiologica e psychologicamente fallando, que o moderno, e que lhe servio de *trait-d'union* ou de ultimo degrau ao seu desenvolvimento actual.

Quanto mais de perto e a fundo se examina esta questào, mais o espirito se sente necessitado a concluir negativamente. O que se tem descoberto é, ou esqueletos completamente simianos (mais claro, de monos), ou esqueletos tão semelhantes em tudo e por tudo aos do homem dos tempos historicos, por outra actuaes, que tanto podem ser o do fossil Borreby como o de Cambrone.

O que não tem apparecido é o do homem *de transição*, necessario todavia, para estabelecer a metamorphose evolutiva e suave do macaco n'um bipede racional. A natureza não dá saltos, *natura non facit saltus*, dil-o a sensata escholastica da idade media, e repete-o a berrros o... evolucionismo hodierno; ora entre o macaco e o homem vão largas jornadas andadas, tantas que não hesito asseverar que ha uma verdadeira incompatibilidade organica entre o primeiro e o segundo. Alem da forma igual dos membros anteriores e posteriores, de que o macaco se serve indistinctamente como orgãos deprehensào, ao passo que os orgãos de locomoção no homem differem tanto pela forma como pelo seu uzo dos do simia; além do desenvolvimento do angulo facial, da estrutura dos ossos, da posição obliqua do osso iliaco etc., nota-se que as circumvoluções do cerebro dos macacos apparecem primeiro nos lobulos inferiores e por ultimo nos lobulos frontaes, exactamente o inverso do que se dá com o homem (Vid. Gratiolet, *Revista dos cursos scientificos*, tom. 1, p. 191). Foi esta incompatibilidade scientificamente verificada que levou o illustre naturalista Aeby a escrever, talvez mau grado seu, a bella phrase que segue: «aprendemos a considerar o typo humano como uma ilha solitaria, que não prende por isthmo algum á terra vizinha dos mamíferos.» Identicamente opinam Quatrefages no seu *Relatorio sobre os progressos da anthropologia*, p. 246, Pruner-Bey no seu *Bolletim da sociedade de anthropologia*, p. 526, e o celebre abbade Lecomte no seu precioso livro *O darwinismo e a origem do homem*, 2.ª parte.

Não obstante, força é confessar que o bom querer não tem faltado aos investigadores do homem terciario. Excavaram-se com perseverante tenacidade as camadas dos terrenos eocene, miocene, pliocene e post-pliocene até aos que correspondem á primeira epocha de pedra ou palcolithica, e chegou-se por vezes a affirmar categoricamente terem-se descoberto crancos

que pela sua configuração revelavam a occasião um papel muito limpo», isto é, existencia do homem terciario, larva, que poz a queixada na terra e que não a se assim posso exprimir-me, do homem moderno.

Incassum!

Um rigoroso exame acabou posteriormente por evaporar as affirmações com esta confissão insuspeita: «Conspicuas em hypotheses gratuitas, fesso ter minhas duvidas não pequenas

Em quanto os linhagistas do bugio sobre a tal mandíbula. Digo-o aqui anthropomorphe não desencantam carbaixinho.» A geologia é cousa mais cassia mais authentica, passo eu a desdobrar o inventario dos crancos fosséis, até aqui descobertos e falsamente invocados como demonstração experimental da theoria darvinista. Ver-se-ha como os Baratas estrangeiros sabem baratear a sciencia sob pretexto de lhe accumular novos thesouros.

1.º O craneo de *Engis* (descoberto em 1833, perto de Liège, Belgica) é, no sentir de Huxley, «um formoso typo medio do craneo humano, que tanto pode ser o de um insigne philosopho como ter servido de receptaculo ao pensamento inculto de algum selvagem.» E contudo parece remontar á idade do *Ursus-spelaeus*.

2.º Os crancos de *Cro-Magnon* (desc. em 1868, na Dordonha, e pertencentes á idade do mamouth) são caracterizados por Pruner-Bey de *mongoloides* ou de feição mongolica.

3.º Os crancos de *Solutré* (desc. em Macon e pertencentes á idade da renna) confundem-se com os de uma raça *exactamente analogo* á dos Esquimós e Lapões.

4.º Os crancos de *Bruniquel* (desc. em Torn e Garonna) tem um angulo facial que não differe em nada do dos *habitantes actuaes* dos mesmos climas.

5.º O craneo de *Menton* (desc. em 1872. Pertence á idade do rhinoceronte tichorhinus e do felis-spelaea) é dolicho-cephalo (ou de longo cerebro) e o seu angulo facial não parece affastar-se do typo das raças humanas *mais elevadas em intelligencia*.

6.º O craneo de *Eguisheim* (desc. em 1866, no alto Rheno. Pertence á idade do mamouth). E' d'um volume, que, segundo Pruner-Bey, «ultrapassa o volume medio do homem moderno, e toda a superficie do encephalo é, sem excepção alguma, conforme com o typo humano.»

7.º A queixada de *Moulin-Guignon* (descoberta por Boucher-Perthes em 1863). Sobre ella fez-se um enorme barulho, porque offerencia uma notavel analogia ou quasi identidade com uma queixada humana. Mas, alem de ter sido encontrada n'um terreno incontestavelmente *quaternario*, «ninguem» cre hoje na authenticidade do famoso achado de Boucher-Perthes, diz Moigno, e muitos homens serios pendem para crer que o descobridor não representou n'essa

achou lá. O doutor Evans diz a este respeito: «Na minha obra (*Ancient stones, pedras antigas*) pronunciei sobre ella (a queixada) o meu *requiescat in pace*.» E o distincto naturalista Joly escorregou-se

escorregou-se com esta confissão insuspeita: «Conspicuas em hypotheses gratuitas, fesso ter minhas duvidas não pequenas

Maui grado todas essas decepções dos terciaristas, Withney, director de uma celebre revista geologica de California, escrevia com uma admiravel ingenuidade a M. Desor, a 18 de março de 1869: «temos provas não equivocas da existencia do homem na costa do Pacifico, anteriormente á epocha glaciaria e ao periodo do mastodonte e do elephante.

Em 1873 escrevia elle de novo ao padre Bourgeois «que tinha chegado a verificar 9 (!) descobertas de ossos humanos e de fragmentos de utensilios humanos na epocha pliocene (!) da California.» Lamentamos que não haja sobre estas ossadas e utensilios *nenhuma* descripção, *nenhuns* dados positivos, *nenhuma* demonstração empyrica da sua realidade. Infelizmente Withney, como excellentemente observa Zaborowski, manifestou muito mais sollicitude em proclamar ao mundo sabio o valor dos seus preciosos achados do que em *proval-os*.

Já antes de Withney, M. Issel descobrira um esqueleto que descobrira a trez metros de profundidade n'uma argila pertencente ao pliocene inferior (terreno da epocha terciaria). O esqueleto offerencia a configuração de um homem no seu estado de desenvolvimento primitivo. M. Issel recebeu as felicitações calorosas de toda a paleontologia encasacada e foi incorporado, como socio honorario, a umas poucas de sociedades geologicas. Que pena que pouco depois se viesse no exacto conhecimento de que o esqueleto de M. Issel não pertencia ao pliocene inferior nem era a carcassa de um anthropoide, mas simplesmente de um *ligurio*, de um macaco das duzias! (Vid. Zaborowski, *O homem prehistorico*, p. 38).

Até agora, portanto, ainda não levantámos caça, apesar das rebuscas dos galgos scientificos da mais apurada raça, que conta a matilha de Darwin.

(!) Vid. ch. Pozzy, *A Terra e a descripção biblica da creação*, livr. 3.º, c. 11. Item, *Lecomte, Darwinismo*.

Em quanto não colhemos em flagrante esse documento de alto valor, que nos ramifique na fidalga genealogia simiana, para honra e gloria... do mesmo simia, resignemo-nos a continuar a ser os humildes filhos de Adão, creado á imagem e semelhança de Deus.

Cavalhões, Marco de Canavezes.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Scientifica

O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Cousa aliaz bem extranha!

Hoje que o homem é mais soberbo e mais altivo que nunca, apregoando aos quatro ventos a sua independencia e soberania, faz prodigiosos esforços de sciencia para se persuadir que entre elle e a besta não ha differença essencial,—uma simples evolução.

Almas ingenuas concediam-lhe duas azas para remontar-se ás regiões de serena luz onde brilham as verdades eternas; os *sabios*, porem, resolveram em ultima estancia, que o homem precisa apenas de quatro patas para attingir o seu fim.

E' caso para meditar n'estas palavras da Escriptura: O homem, que Deus elevou tão alto, não comprehendu a sua dignidade; comparou-se aos brutos, privados de razão, e tornou-se-lhes semelhantes.

Homo, cum in humore esset, non intellexit; comparatus est jumentis insipientibus et similis factus illis.

Mas isso é rhetorica, não é sciencia. Pois bem; reatemos o fio da discussão.

Damos de barato que haja um certo accordo observado na estrutura interna do homem e dos macacos, correspondendo-se os órgãos quasi termo a termo; mas o que ninguem pode negar, a não querer ir de encontro aos mais valiosos trabalhos modernos, é: que estes órgãos estão dispostos segundo planos muito differentes; que o estudo do organismo em geral, e das extremidades em particular, mostra adaptações especiaes e distinctas, incompativeis com a idéa de filiação; que os macacos aperfeiçoando-se não se aproximam do homem, e vice-versa, que o typo humano degradando-se não se avizinha dos macacos; finalmente, que não existe transição possível entre o homem e os macacos a não ser invertendo as leis do seu mutuo desenvolvimento.

—N'esse caso como explicar a existencia de órgãos rudimentares no homem?

«Apparecem nos animaes muitos órgãos, diz Agassiz, que não podem explicar-se pelas funções correspondentes, os quaes têm visivelmente um fim architectonico, isto é, a symetria, formados só para a harmonia da figura, embora praticamente sejam superfluos.»

«Absolutamente fallando não são inúteis, diz pela sua parte Heringer, mas sim architectonicos, patenteando o systema geral do organisação da natureza e o pensamento do Creator, que presidiu á creação d'este mundo visivel...»

O homem é o fecho e corôa de toda a creação visivel, em que se deixa ver toda a natureza no ultimo e supremo grau da escala dos seres, o macrocosmo no microcosmo... D'aqui provém a analogia nas suas relações geracs com o reino animal.

O homem é *fin* e não *producto* d'esta relação; a ordem, pela qual se acham organisados os reinos da natureza, tem por ideal, desde o começo até ao seu ponto culminante, o homem, sendo d'estes factos incontrastaveis que Darwin e Haeckel, por um salto deduziram uma ordem de derivação...

Na flor em forma de cruz, que corôa a cathedral gothica, estão sem duvida repetidos os motivos essenciaes de todo o edificio; mas ella não é producto do mesmo edificio.»

O celebre autor da *Apologia do Christianismo*, ao passo que dá uma explicação muito racional da existencia dos órgãos rudimentares, desfaz ao mesmo tempo o grande erro em que laboram os transformistas. As multiplas relações que se dão entre o homem e os vertebrados, especialmente os macacos, não significam filiação ou derivação, mas sim patenteiam que todos os seres foram *creados* em harmonia com um plano fundamental.

Os *sabios*, porem, não são homens que cedam o terreno facilmente.

Como dão á luz sem dores, a phantasia fornece-lhes sempre uma infinidade de pontas a que se apeguem.

Observando que existiam alguns seres de faculdades incompletas e de cerebro reduzido, idiotas, cretins e microcephalos, concluíram sem mais demora que estes são os representantes actuaes do tal *homem privado do dom da palavra*, pithecoide ou macaco.

Ora isto pode dizel-o um *sabio*, porque as *cartas* modernas dão-lhe liberdade ampla para tudo; todavia pessoa alguma se convencerá de que o *estado normal* de nossos remotos antepassados fosse o zotismo ou parvoice. Lá que os *sabios* se façam tolos para levar a vida, vá; mas de tolos nascerem sabios, isso cheira a milagre, e os tempos não lhe correm muito favoraveis.

Tomando, porem, um tom mais serio, como ajusta a um assumpto de tão

alta *transcendencia*, direi que se a microcephalia é um caso de atavismo, pela mesma razão a infecundidade, que sempre a acompanha, deve ser considerada como um phenomeno atavico, porque a mesma causa, que actua sobre o cerebro, igualmente exerce a sua acção sobre o aparelho reproductor.

E n'este caso, como poderiam ver a luz do dia os maravilhosos, por monstruosos, partos da imaginação dos Darwin e Haeckel?

No primeiro relance parece não se poder conciliar a facilidade que ha em abraçar theorias, assentes sobre bases de areia movediça, com as tendencias accentuadamente positivistas do nosso seculo; mas sabendo o alvo a que miram, a conciliação é facil.

«A theoria de Darwin, diz Vogt, não deixa o *menor lugar* á acção da Providencia.»

E o coriphieu do evolucionismo confessa por seu turno que «o darwinismo é, certamente, insufficiente; porem que o devemos approvar, porque permite excluir *qualquer intervenção* de Deus, sendo este o seu grande merito.»

Houve uma epoca em que se explicava a subida da agua nas bombas dizendo que a natureza tinha horror ao vacuo; para mim a causa dos modernos desvarios da razão independente é sem duvida o *horror ao sobrenatural*.

O positivismo deve bater as palmas de contente, porque relegando Deus para os confins do problematico, implicitamente nega a sua existencia.

Todavia, assim como os physicos abandonaram as suas queridas illusões, é tambem convicção minha que os *sabios* de todas as craveiras perderão a pouco e pouco o seu horror ao sobrenatural, congraçando-se com estas sublimes, inspiradas e altamente philosophicas palavras do Genesis: *In principio creavit Deus coelum et terram... Et creavit Deus hominem ad imaginem suam.*

(Continúa)

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

EXAME CRITICO DE UM MAU LIVRO

(Conclusão)

Theodoreto refutou tambem a opinião d'aquelles, que abusando do texto, de que estamos fallando, affirmavam que Deus tinha communicado ao homem alguma coisa de sua divina substancia. Essa opinião Theodoreto a qualificava de sacrilega e impia: e acrescentava que o texto biblico (de que os emantistas abusavam) patenteava a facilidade da creação bem como indicava,

ao menos de uma maneira obscura, a natureza da alma, que é um espirito creado, invisível e intelligente, que nada tem de commum com o corpo grosseiro. Ouçamol-o:

«Extremæ impietatis est et blasphemie sententia hujusmodi. Nam per hoc scriptura divina facilitatem creandi demonstravit. Præterea etiam ipsius animæ naturam obscure indicat: nempe ipsam esse spiritum creabilem, invisibilem, et intellectivum, expertem crassitudinis corporeæ (Theod., traduc. do grego em latim por Jacob Sirmondi, ed. de Paris de 1642, tom. 1, pag. 25: Quæst. in Gen., int. XXIII.)»

Não cansaremos os leitores apresentando-lhes mais textos dos Santos Padres, nem isso é preciso.

Revolvam-se as obras de S. Clemente de Alexandria, de S. Gregorio Niseno, de S. Gregorio Nazianzeno, de S. João Chrysostomo, e de todos os Santos Padres, enfim: e não se encontrará uma unica palavra contraria á doutrina sustentada por Theodoro e Santo Agostinho com relação ao ponto de que estamos tratando. Pelo contrario todos estão d'accordo acerca d'essa doutrina.

Esta mesma doutrina foi tambem defendida por todos os doutores escolasticos. Bastar-nos-ha citar dous, S. Thomaz, e S. Boaventura. Todos os outros escolasticos, dos quaes estes foram os principes e os mestres, estão completamente d'accordo com seus mestres n'este ponto.

Santo Thomaz depois de combater com muitos argumentos philosophicos o erro dos emanatistas, mostra que o versiculo 7 do capitulo 2.º do Genesis longe de favorecer, é contrario a esse erro. «A simillhança de que usa o escriptor sagrado, diz o Santo, não prova que na alma do homem exista cousa alguma da *substancia divina*, por isso que o conhecimento intellectivo no homem é muito defeituoso, e não podem attribuir-se defeitos a Deus. Portanto a simillhança mencionada é antes indicativa de uma imagem defeituosa (1) do que de *substancialidade* (note-se) alguma. E' o que a Sagrada Escripura nos quer dar a entender quando diz que o homem fôra creado á imagem d' Deus: por isso tambem o *sopro*, de que nos falla significa que o homem recebe de Deus a vida segundo certa simillhança, não segundo a unidade de substancia. Diz com effeito o sagrado texto que esse sopro de vida fôra espalhado sobre o rosto do homem, porque achando-se os orgãos da maior parte dos sentidos situados n'esta parte do corpo, é no mesmo rosto que a vida se

mostra de uma maneira mais manifesta. Por consequencia o texto sagrado diz que Deus espalhou o sopro de vida sobre o rosto do homem, porque lhe deu o espirito de vida sem o *tirar de sua substancia*; por quanto aquelle que sopra physicamente sobre o rosto de um outro (d'onde parece ter sido tirada a metaphora) lança ar sobre seu rosto, mas não lhe communica por isso parte alguma de sua substancia: «similitudo prædicta non ostendit animam hominis esse *aliquid substantiæ divinæ* (note-se), quum in intelligendo defectum multipliciter patiatur; quod de Deo dici non potest. Unde hæc similitudo magis est indicativa cujusdam imperfectæ imaginis quam alicujus *substancialitatis* (note-se); quod etiam scriptura innuit, quum dicit ad imaginem Dei haminem factum. Unde et *inspiratio* prædicta processum vitæ a Deo in hominem, secundum quandam similitudinem, demonstrat, non secundum unitatem substantiæ; propter quod et in faciem spiritus vitæ dicitur inspiratus, quia, quum in hac parte corporis sint plurium sensuum organa ista, in ipsa facie evidentius vita monstratur. Sic igitur Deus inspirasse in faciem hominis spiraculum vitæ dicitur, quia spiritum vitæ homini dedit, non eum *ex sua substantia decedendo* (note-se); nam et qui corporaliter insufflat in faciem alicujus (unde videtur sumpta esse metaphora) ærem in faciem ejus impellit, non autem aliquam suæ substantiæ partem in ipsum emittit. (Sum. contra Gent. lib. II, c. 85).

O erro monstruoso de que Deus communicou ao homem alguma cousa de sua *propria substancia* combate-o tambem Santo Thomaz em algumas das outras suas obras.

(Continúa).

P.º *Chrispim Castano Ferreira Tavares.*

NA MADEIRA

Foi Deus servido fazer que ás mãos nos chegassem dois numeros do jornal madeirense, que por escarneo ao senso commum, á verdade, e como prova do rebaixamento a que tem chegado a imprensa em Portugal, se denomina:—*A Voz do Povo!* No principal artigo do numero 961, sob a epigraphe: *O Bispo do Funchal julgado perante a historia e a opinião publica*, despeja o snr. R. em mais de duas columnas quanta parvoíce pode engendrar uma imaginação sem criterio, um espirito despido por completo de todas as noções que um rapaz de escola primaria não ignora.

O snr. R. é antes de tudo mal edu-

cado, porque vem, perante um povo catholico, dirigir do alto da tribuna da imprensa, os mais grosseiros insultos contra o ex.º e rev.º snr. D. Manuel Agostinho Barreto, illustrado e virtuoso bispo do Funchal. E de em meio da pouca educação deixa o sur. R. destacar-se uns longos de atheismo, bebido em fontes de putridas aguas como a *Historia da Inquisição* do sur. Alexandre Herculano.

O snr. R., depois de narrar um facto occorrido em um dos collegios do Funchal na presença do preclarissimo prelado, facto que depõe muito contra uma creança, ou dos que erradamente a dirigem, solta estas palavras bombasticas:

«A luva está lançada; e nós vamos provar que o snr. Manoel Barreto, a quem pessoalmente acatamos, não segue como devia as doutrinas de Jesus, porque é um filho dilecto da escola dos frades de Loyola.»

E concluimos transcrevendo estas poucas linhas e dando carta de ignorante ao snr. R., porque, quem diz que os filhos de Loyola não seguem as doutrinas de Jesus, nem sabe que sejam jesuitas, nem conhece a Jesus, e d'aqui provada a ignorancia do snr. R.

Mas este senhor *Voz do Povo* é dos taes jornaes da *geringonça*, e se não vejamos o prazer com que elle nos dá a noticia de dois casamentos civis.

Eil-as:

«*Casamento civil.*—Teve logar no dia 30 de dezembro ultimo, na Administração do Concelho do Funchal, o primeiro casamento civil celebrado n'este Districto.

«Foram nubentes os snrs. Jan Karel Engelbert, official de mariuha, e Winanda Lucrecia Mathilde, subditos hollandezes; testemunhas os snrs. Willen Ten Broek, vice-consul da Hollanda, e Eduardo Augusto Sarsfield.»

E depois de deitar foguetes e pôr luminarias, continua:

«No pateo do edificio tocou a banda de musica do Batalhão de Caçadores n.º 12, durante todo o tempo em que se demoraram as formalidades do contracto civil, até que se deu por concluido o acto.

«N'aquella singella mas augusta solemnidade, n'aquelle concurso de cidadãos de todas as classes sociais, em que notamos officiaes do nosso exercito, magistrados, advogados, medicos, funcionarios publicos e artistas, havia muito de edificante e significativo—rasgava-se á consciencia publica um horisonte novo, no qual o astro da razão e do direito civico se erguia magestoso por sobre a montanha negra da theologia romana, doirando em clarões de esplendente luz a face rejubilosa da sociedade emancipada.

(1) Essa imagem defeituosa é a nossa alma.

«Via-se alli a sociedade civil, representada n'um magistrado digno, intelligente e honestissimo conferindo a dois de seus membros o direito que a igreja ha seculos nos trazia usurpado.

«Era a posse authentica e solemne de uma herança extorquida desde remotos tempos pela mão barbara, oppressora e fanatica da igreja ultramontana, que a liberdade e o progresso vieram reivindicar para a livre consciencia dos povos illustrados.

«E quanto mais serio e respeitavel não é o acto do casamento, contracto puramente civil na sua forma e nos seus resultados, celebrado por um funcionario em quem a sciencia e a honra confirmam no sacerdocio das mais augustas funções sociaes, n'um recinto illuminado unicamente pelo sol de Deus e em presença da sociedade inteira, do que esses casamentos muitas vezes manipulados pelas mãos mercenarias de um padre corrompido e devasso, nas tenebrosas escuridades das sacristias, à luz macilenta das bugias, e a horas mortas da noite, tendo por testemunhas duvidosas dois ou tres individuos alliciados pelo vicio na confraria dos beatos.»

«O segundo casamento civil no Funchal.—Ainda ha pouco tivemos a satisfação de noticiar o primeiro casamento civil, registado na Administração do Concelho do Funchal, e já se nos depara enxejo de consagrar nas columnas do nosso periodico logar a outro facto de igual natureza.

«O acto civil que registamos hoje é de mais alta significação sob o ponto de vista politico e social, e por isso ecoou mais profundamente na opinião publica: que, revoltada pelas indignidades e abjectas intrigas do corrilho reaccionario, acaba de dar, com o solemne applauso àquelle acto, um tremendo CHEQUE AO BISPO.

«São indiscriptiveis os cobardes esforços, e infames expedientes que o partido ultramontano, que tem à frente o bispo d'esta diocese, acolytado por meia duzia de jesuitas de casaca, ousou pôr em practica para impedir a celebração do casamento civil em que foram contrahentes o snr. Abraham Addida, cidadão francez, professando a religião hebraica, e a Ex.^{ma} snr.^a D. Helena de Gouvêa Portugal da Silveira, viuva do tenente Portugal da Silveira, que pertence ao gremio da religião catholica romana.

«Não reproduziremos, por demasiadamente notorias, as ignobeis peripecias empregadas pela *camarilha negra* e vamos direitos ao desenlace d'esse drama no qual a integridade da lei e a liberdade de consciencia tiveram um completo triumpho.»

E depois d'estas duas narrações, em

que o snr. V. (estes senhores só mostram uma letra, por causa de duvidas) mostra té à sociedade o seu parentesco com os Ferry e Gambettas, porque todos andam à maneira que as casadas ordenam: diz muita petarolla, muitos palavriados como estes senhores sabem dizer quando se dirigem aos incautos, e finda com estas entusiasticas palavras:

«Era imponentissimo o concurso dos cidadãos que vinham tacitamente protestar, com a sua presença, contra as odiosas maquinações do partido do bispo, que pretendia calcar aos pés a lei do paiz.

«Ao começar a celebração do casamento, de que foram padrinhos os snrs. Jacob Abudharam e Willam Reid, o snr. Ferraz, dirigindo-se ao auditorio disse, em breves mas solemnes palavras, «que era para elle uma subida honra ser o celebrante d'aquelle importantissimo acto—o casamento civil—que considerava tão legal e santo, como os outros celebrados nas igrejas; e como cidadão livre quizera sempre que lhe coubesse a gloria de presidir a actos como aquelle ou pelo menos presenceal-os.» O auditorio prerompeu em applausos entusiasticos que tinham por certo uma alta significação philosophica e politica, que nós aqui d'esta tribuna popular traduziremos em duas phrases: Viva a liberdade de consciencia! Viva a Democracia!»

E nem se esqueceu o snr. V. de dizer que na sala onde a cerimonia se realisára estavam *mais de 50 senhoras nacionaes e estrangeiras (!) da nossa mais escolhida sociedade (!)* Ora o snr. V. não nos explica bem como é isto de senhoras nacionaes e estrangeiras, e nós pedimos uma explicação: as nacionaes eram de Portugal e dos Algarves, d'aquem e de além-mar, etc., etc., ou eram só do Funchal? Eram *senhoras* só da capital da Madeira, ou foram de todas as partes do mundo, onde se falla a lingua de Camões, comissionadas para representar o *mundo portuguez* n'aquella festa de *civilização e progresso*?

Esperamos resposta e depois continuaremos.

Mas demos nós agora aos leitores do *Progresso Catholico* as noticias particulares que do Funchal nos enviaram.

A musica de caçadores foi convidada porque as demais se recusaram, e foi paga por subscrição. O povo concorreu a ver a festa, mas como concorre sempre que alguma cousa nova se annuncia: mas, como os leitores sabem, o garrotismo completava o *grande numero de cidadãos* que o snr. V. observou. As *senhoras*, que ao snr. V. pareceram 50 não eram mais que 20, e eram effectivamente da *nossa primeira sociedade* d'elle, e não da primeira sociedade do Funchal. O administrador do concelho,

que não quiz *abrilhantar* com sua presença acto tão edificante, demittiu-se; o administrador substituto deu parte de doente; o presidente da camara desculpou-se como pôde, cabendo a *honra* de cazamenteiro ao *digno* vice-presidente, que soltou estas *solemnes palavras*, como diz o snr. V.: «*que era para elle uma subida honra ser o celebrante d'aquelle importantissimo acto.*»

Damos os parabens a s. exc.^a e visto que tanto se honra com ser o *celebrante de tão importantissimo acto*, para que não serve, ainda assim, se não quando os outros não querem para si tal *honra*, vamos annunciar no *Progresso Catholico* e nos demais jornaes nacionaes e estrangeiros, que, quando haja de se celebrar em alguma terra tão *importantissimo acto*, e que as respectivas auctoridades a isso se não prestem, por não estarem acostumadas a scenas comicas, o snr. vice-presidente da camara do Funchal, Severiano Alberto de Freitas Ferraz, se presta a ser *celebrante de tão importantissimo acto*, só por ter a honra distinctissima de, *como cidadão livre presidir a actos como aquelle*. S. exc.^a tambem se contenta em presenciar *acto como aquelle*, e por isso recomendamos aos leitores que, não se recusando as respectivas auctoridades a celebrar tão *importantissima comedia*, e havendo archotes, o snr. Ferraz segura um, só para ter a *gloria* de, *como cidadão livre* presenciar um acto tão imponente, tão grandioso.

Agora um conselho ao collega da *Voz do Povo*:—Apresente-se francamente que mais gostaremos de entrar na lucta. Digga-se inimigo da religião santa de Jesus Christo, dos bispos, dos padres, de todos os catholicos; declare-se atheu, membro de alguma chafarica . . . ou cousa a isto parecida, e não venha, fallando em Jesus, blasphemar das suas leis, dos seus ministros, e de 200 milhões de fleis que se curvam diante do seu Vigario na terra.

Franqueza, collegas, ao menos para nós que os conhecemos, e deixem-se de andar a enganar os incautos; porque isto de se vestir de cordeiro para apegar lazarentas mazellas a ovelhas limpas de toda a mancha, se não é uma infamia é uma covardia. Desate a mascara; não falle na pessoa santissima de Jesus, que o collega detesta e salte de viseira arguida para o campo onde ha dezoito seculos se ferem as mais rijas pelejas entre os filhos das trevas e os soldados que se escudam com a cruz. Exalce o concubinato, as devassidões da Roma corrupta dos Cezares, que nós seremos pelo matrimonio catholico, por esse augusto sacramento que fez cahir partidas as algemas que pezavam nos pulsos da mulher, e que a tornaram a nossa mão,

a nossa irmã, a nossa esposa, a nossa filha.

Deite foguetes diante do concubinato legalizado pela auctoridade civil, emquanto nós nos ajoelhamos diante da união de duas almas santificadas pelo ministro d'Aquelle que nos douou a liberdade.

ELIAS DE SAMPAIO.

COISÁS! COISAS!

Os *Irmãos das Escolas Christãs* de Dinard, expulsos do edificio escolar do municipio e substituidos por mestres seculares, abriram logo uma escola livre. D'antes tinham 160 alumnos; agora contam 260. A escola official apenas uns 40. Boa lição que praza a Deos se repitta em toda a França, como se está repetindo a cada passo na Belgica.

E diga-nos o *Diario de Noticias* (até este incolor!) com os seus collaboradores que «é passado o tempo das Ordens religiosas!» E' passado o tempo e florescem! E' passado o tempo e são populares! E' passado o tempo e perseguil-as calcando aos pés vossos proprios principios, assim como (o que é peor) todos os principios de direito e de justiça! E nem assim triumphaes de... *defunctos!*...

Não só os governos radicaes, mas os chamados *ordeiros* ou conservadores na Europa, parece que cada vez estão mais loucos! E' o que nos suggere a leitura de algumas noticias dadas ha pouco por um jornal insuspeito, pois que é protestante. O Catholicismo é atrocemente perseguido.

Depois admiram-se dos castigos com que a Providencia os fere e dos maiores com que os ameaça! Ficam pasmados á vista dos progressos do socialismo ou *nihilismo*, e não acabam de convencer-se de que só a doutrina catholica refuta satisfactoria e plenamente a doutrina revolucionaria, tanto em suas primeiras como em suas ultimas consequencias!... Deos os illumine e lhes abra os olhos para verem que se fogem da agua benta vão cair no petroleo.

E' preciso evitar as más companhias.—Lê-se na *India*:

«Quando eu estudava em Athenas com S. Basilio, não tinhamos, diz S. Gregorio, contractos com aquelles dos collegas que se mostravam petulantes, desinquietos e desregrados; e só conviviamos com os que, por sua modestia e prudencia, podiam auxiliar-nos e sustentar-nos no designio de viver reguladamente; comprehendendo que os maus exemplos são como as enfermidades con-

tagiosas, que facilmente se communicam.»

Quereis uma comparação que melhor vos faça ainda comprehender o perigo d'uma má companhia? lêde a seguinte fabula, que me parece muito instructiva:

AS LARANJAS

Um lavrador durionse
Tinha um filho que amava,
Dotado de esperteza,
De graça e de candor.
Fenix da sua idade,
Só o pai desgostára
Em ter alguns amigos
Não ricos de pudor.

E o pai, logo que o soube
Assim o admoestava,
Vendo em risco eminente
O joven coração:

«Deixa, querido filho,
«Esses moços levianos.»
—«Meu pai, disse o menino,
«Eu não julgo que o são.

«Perdoai; mas, se forem
«Como vós o suppondes,
«Deverá corrigil-os
«O exemplo que eu lhes dér.»
Mas, conhecendo o prigo
Da imprudente confiança
Do moço, o pai, calando,
Socego mostrar quer.

Quando só s'encontrára,
Foi colher o bom velho
Dez formosas laranjas
Que n'um gigo mettou:
Mais tres outras lhe ajunta
De podridão tocadas;
E, voltando o monino,
Elle lh'as off'receu.

«Ah! diz este; deixai-me
«Estas tres lançar fóra:
«Entre fructa tão bella,
Fructa pôdre, ó meu pai!
—«Nada temas,» responde
O ancião exp'riente;
«Uma curar a outra,
«Em pouco tempo vai.»

—«Eu julgára, ao contrario,
«Que a boa ha-de estragar-se.»
—«Nada temas, meu filho»,
Torna o pai a dizer.
«E, se não, pouco tempo
Basta a desenganar-nos:
Vamos logo no almario
O cestinho metter.

Assim fez, mas passados
Que foram cinco dias,
Foram dar com a fructa
Em putrido montão.
Se, int'riormente, o joven
Por um lado se applaude

De ter elle acertado,
Tem, por outro, afflicção.

«Eu bem vol-o dizia;
«Por que não extremastes
«As dez boas laranjas?»
Exclamou o rapaz.
—«E tu, meu filho,» disse
O pai muito depressa,
«D'amigos estragados,
«Por que não fugirás?»

E o filho convencido
Com tal demonstração,
Esses vinculos quebra,
Tarde ou cedo fataes.
Se o commercio dos bons
Alguma vez corrige,
O dos maus sempre estraga,
Jovens não o esqueçais.

E' curiosa a noticia que se lê no *Monds* de que em duas localidades de França pelo menos (em Ardeche e em Montjoyer) o povo elegeu frades (trapistas) para adjunctos dos respectivos *Maires*. «O que prova—escreve o dito jornal, concluindo a noticia—que o suffragio communal sabe algumas vezes escolher os verdadeiros amigos do povo, e que desconfia menos que os nossos governos do habito dos frades.»

Na Belgica as escolas irreligiosas officiaes vão de dia a dia diminuindo em numero d'alumnos, sem que o governo logre com todos os seus esforços dar-lhes animação e vida.

Em Hansboke, por exemplo, o professor official ficou sem alumno nenhum, emquanto que a escola livre, regida por catholicos conta actualmente mais de 400 meninos.

Em varias outras povoações tem sido necessario fechar as escolas officiaes.

Gostamos deveras de registrar estas noticias para mostrar como os governos perseguidores da Igreja e das Ordens Religiosas attendem ao bem das populações. Para impedir a educação religiosa do povo supprimem as escolas dirigidas pelos catholicos e fundam outras dirigidas por gente do seu jaez; o resultado é o que se vê, o povo foge das taes escolas officiaes onde em vez da religião e moralidade se ensina a impiedade, e foge porque não quer que seus filhos sejam desmoralizados e pecam na escola as boas creanças que receberam com o leite materno.

Um dos orgãos principaes na Europa do liberalismo, assim como do protestantismo, do racionalismo e do maçonismo, o grande *Times*, publicou ha pouco um artigo notavel pela franqueza, que só tem contra si tocar nas raizas do cynismo. N'esse artigo sem talvez o querer, o orgão da *City* torna em certo

modo tangível a profunda immoralidade que preside ás operações da politica moderna de que elle é acerrimo defensor. O mais importante diario inglez constata que a população do districto de Dulcigno não se quer tornar montenegrina, como aliás foi decretado pelo Congresso de Berlin, e accrescenta em seguida: «Ah! se esta população fosse mais numerosa, a violencia que lhe fazemos seria um verdadeiro insulto a nossos principios.»

De maneira que a justiça está subordinada ao numero, á força! *La force prime le droit*, como lá dizia o outro!... Percebemos!

Para que nos fallam então em liberdade dos povos, etc.?

Acaba de converter-se ao catholicismo em Nova York um banqueiro judeu que até agora era considerado como um dos mais terríveis inimigos da Igreja no norte da America. O neofito prometteu construir a expensas suas uma Igreja que sirva de parochia no bairro em que vive, para a qual já destinou uma somma muito importante.

Graças a Deos!

O valente *Univers* acaba d'abrir uma subscrição nacional para soccorrer e não deixar morrer á fome os religiosos expulsos de suas casas, e roubados nos seus haveres. Este sobreto excitou já a furia dos jacobinos, sobresaindo no ataque o *Sicle*. O *Univers* continua, não obstante a guerra que se lhe promove, com a subscrição aberta. E' a caridade em soccorro da desgraça: é nobre e generoso amparar as victimas da liberdade.

E' assim que se faz!

UM VIMARANENSE.

O MERITO RECOMPENSADO

O Ex.^{mo} Reitor do Seminario Patriarchal, Dr. Manoel Xavier Pinto Homem foi elevado á Dignidade de Monsenhor Protonotario Apostolico.

O Seminario Patriarchal testemunha de todos os actos de seu mui Dignissimo Reitor, acolheu esta noticia com a maior satisfação, jubilo e enthusiasmo, porque vê n'esta nomeação de S. Santidade Leão XIII uma grandissima justiça feita ao merito e virtudes do Ex.^{mo} Reitor. Ha nove annos que o Ex.^{mo} Dr. Manoel Xavier Pinto Homem dirige o Seminario Patriarchal em Santarem com um zelo incansavel no augmento de sua prosperidade physica e moral; basta ler o Relatorio que este Dignissimo Monsenhor publicou para se defender de aleivosas calumnias que seus inimigos tem espa-

lhado pelo publico para se apalpar a evidencia d'esta verdade; se houver algum incredulo como Thomé vá metter os dedos e os olhos na Secretaria do Seminario como bem alto o diz o referido Relatorio, e não contradiga á bocca cheia como fazem os tolos e ignorantes, o que não conhece nem é capaz de apreciar.

Esta attenção pois de S. Santidade para com o Ex.^{mo} Reitor veio mui a proposito dar um cabal desmentido ás desvairadas, petulantes e apaixonadas insinuações e calumnias com que os maldados cavilladores, provavelmente irmãos dos . . . quizeram envenerar a sabia, recta, justa e optima administração do Ex.^{mo} Monseuho Dr. Manoel Xavier P. H.

A justiça divina não dorme e se algumas vezes permite provas asperas em seus servos, nem por isso os desampara na lucta; permite por alguns momentos a sua humilhação, para que o seu triumpho se torne mais patente e mais furioso e assim se descubre a demencia de seus inimigos confundindo-os por um eterno desprezo e vergonhosa confusão.

Qual não seria a sua surpresa nas festivas alvoradas dos dias 30 e 31 de Janeiro passado, quando a modesta symphonia do Seminario fez vibrar em suas harpas os mais jubilosos e harmoniosos sons em honra do seu mui digno Reitor! e tão justamente agraciado por S. Santidade Leão XIII!

Posso quasi affirmar que muitos se incomodaram com o ruido da festa do Seminario; ineptos, só a fogueateada das touradas é que os não pôde incomodar! e que não diriam elles aos stridentes e entusiasticos vivas que todo o Seminario levantou á uma repetidas vezes e em diferentes brindes ao Ex.^{mo} Monsenhor Dr. Manoel Xavier Pinto Homem Dignissimo Reitor do Seminario? Estou que taparam os ouvidos de desespero.

As allocuções por occasião da festa, tanto dos illustres Professores como dos estudiosos alumnos foram as mais sympathicas, as mais cordeaes possivel, mostrando assim uns e outros a mais completa satisfação e regosijo e não menor estima e affeição que por esta occasião de sua elevada honra quizeram patentear ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Reitor Monsenhor Dr. Manoel Xavier Pinto Homem.

J. T.

Felicitação do Professorado e mais empregados do Seminario Patriarchal ao ex.^{mo} Reitor em occasião da sua elevação a Protonotario Apostolico.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

Os Professores e demais empregados

d'este Seminario Patriarchal, cumprem n'este momento o sagrado dever de felicitar a V. Ex.^a pela subida, mas merecida honra que o Nuncio de S. Santidade, competentemente authorisado pelo Soberano Pontifice que ora rege a Igreja de Deus, acaba de dispensar-lhe nomeando-o Protonotario Apostolico.

Vimos todos sem excepção d'um só, porque todos somos testemunhas do zelo incansavel, da actividade persistente, do carinho e amor com que educa os mancebos, que se destinam ao sacerdocio; assim como da affabilidade, sinceridade e dedicação com que recebe e tracta os que com V.^a Ex.^a de qualquer modo cooperam n'esta obra d'esperança e redempção; d'esperança para uma sociedade que anda perdida e errante no medonho pelago dos erros mais detestaveis e dos vicios mais asquerosos; de redempção para um povo que foi grande, poderoso e nobre quando a religião lhe servia de bussola e teme em suas heroicas peregrinações.

Sentimo-nos alegres e contentes, vimos por isso manifestar a nossa alegria e contentamentos.—Aquelle que não malbarata as distincções, mas as reserva só para a virtude e a sciencia, coroadas pelo zelo e relevantes serviços, acaba de reconhecer o merito de V. Ex.^a galardoando-o com uma d'aquellas dignidades que só costumam conceder-se na Igreja a sacerdotes benemeritos e prestantes.

Em epocha de tanta injustiça em que os mais animosos succumbem, o coração sente jubilar-se e rejuvenescer; a vontade decahida reanimar-se; o estímulo do bem impelle-nos fortemente pela estrada aspera do dever, ao considerar que a justiça divina ainda não desappareceu da terra.

Vimos como amigos e como corporação—Como amigos que somos e devemos de ser de V. Ex.^a vimos pagar-lhe um tributo de gratidão, felicitando-o sinceramente, n'esta occasião pelo motivo indicado. Como corporação, sentimo-nos honrados com a distincção dispensada a V. Ex.^a na sua qualidade de Reitor d'este Seminario. Felicitemo-nos a nós proprios por isso.

N'esta manifestação expontanea e sincera, não entra por tanto a vil lisonja, ou algum outro sentimento ruim, mas só o desejo muito louvavel de patentearmos a V. Ex.^a o respeito, amizade e gratidão, de que nos achamos possuidos; respeito ás nobres qualidades e importantissimos serviços por V. Ex.^a prestados á causa da instrucção e da moralidade da mocidade estudiosa em geral e especialmente da que se consagra ao sacerdocio; amizade e gratidão porque são e devem de ser estes os deveres impreteriveis da parte de quem se preza para com aquelle que ha sempre sido

para conosco lhano, affavel, benevolente e dedicado.

DR. A. V. G.

Secção Historica

A COLLEGIADA DE GUIMARÃES

I

Quando as instituições mais santas e sympathicas, os monumentos mais patrioticos e religiosos se veem esboroar, no seio da civilisação, em face d'uma indiferença mal cabida, e d'um desprezo censuravel é de toda a necessidade que cada um levante a sua voz, ainda que froixa, e por todos os meios justos ao seu alcance proteste contra tal procedimento, lembrando aos poderes publicos = a não conveniencia de tal determinação ou medida, quando para isso sobejam motivos poderosos, causas justificativas e rasões convincentes. Referimos-nos a essa lei singular que o governo de Sua Magestade promulgou ha annos e pela qual supprime as collegiadas com a extincção dos membros, então existentes, e muito principalmente á Insigne e Real Collegiada da cidade de Guimarães que por tantos titulos merece a continuação da sua existencia, protegida ao bafejo do governo.

Sobram poderosos motivos em prol d'esta nossa justissima pretensão; se porem não poder ter cabimento na economia politica, ampare-a ao menos o Estado com seu braço vigoroso e deixe viver á custa de suas rendas e na posse de seus haveres essa benemerita corporação, a quem os seculos tem respeitado no seu caminhar ousado por sobre as gerações, a quem os nossos monarchas tem engradecido e nobilitado com sua munificencia real, a quem os fieis tem venerado em suas transmutações honorificas e a quem a Nação considera como um monumento altaneiro, que presidiu e assistiu ao começo da nossa patria querida, e como um altar especioso levantado ao Deus vivo que sempre a protegeu.

Quem será o insensivel que esqueça esses doces sentimentos, albergados no coração e que se chamam Deus e patria = duas existencias esplendorosas, duas notas harmonicas, dous symbolos significativos, duas realidades palpitan-tes? Deus e patria abarcam tudo que ha de mais nobre, mais santo e mais dilecto; relembram-nos as alegrias da alma ao bafejo da crença, os impulsos do coração ao scintillar do entusiasmo, os transportes do viver no amago da ventura; traduzem a felicidade da innocencia nos gozos infantis, a doçura

dos beijos, colhidos dos labios de nossa mãe, ao modelar-nos o tenro espirito pelas harmonias do ceu, pelos encantos da prece e pela suavidade das comparações.

São estes dous seres, activando em nós, que produzem os heroes, ferem as scentelhas do genio e do talento, alargam o ambito da existencia, ensinam os encantos naturaes da virtude, e conseguem a verdadeira felicidade.

II

Pois bem, Deus e a patria estão unidos e symbolizados n'esse edificio, estão escriptos nas paredes d'esse templo pela mão potente dos seculos, nas tradições piedosas de seu existir e nos gloriosos successos da patria nascida, crescida e sempre protegida pela mão da providencia.

A imagem de Nossa Senhora, que se venera no altar mór, tem uma origem de merecimento e, a ser verdadeira, a sua existencia é antiquissima. Vindo S. Thiago, o Apóstolo, á villa velha de Guimarães encontrara um templo gentilico, dedicado a Ceres, no local que occupa hoje a capella de S. Thiago. Seu zelo converteu os habitantes e sua piedade, tendo purificado esse templo, o consagrou á SS. Virgem, recebendo aquella esculptura, dadiva do Apóstolo.

Mais tarde, cahindo em ruinas e construido o mosteiro de Mumadona foi transferida para este, e ahi conservada até nossos dias no respeito e veneração que todos lhe tributam.

A Igreja que sua fundadora dedicara ao Salvador do mundo e á Virgem Maria, sua augusta mãe, servindo primeiro de nucleo ás duas comunidades de frades e freiras, cada uma distincta e completamente separadas nas condições de mosteiro *duplex*, que era, viu acolherem-se á sua sombra os habitantes da proxima aldea de Vimaranes ou Vimaranes, buscando protecção debaixo de suas azas bemfeitoras. Estabelecidos em torno de seus muros viviam, do parco sustento da cultura dos terrenos circunvisinhos, na edificação de suas almas pelas eximias virtudes dos que eram a dentro do mosteiro.

Este, pelo brilho da virtude que resplandece como o diamante ferido pelos raios do sol, tal importancia ganhou que, de toda a parte, vinham em piedosa romaria a visitar a miraculosa imagem de Nossa Senhora, e rojando-se humildes ante seu altar lhe davam, para a sustentação do culto e dos que lhe assistiam, valiosas alfaias e importantes doações.

Foi por esta sorte que alguns monarchas de Leão, vindo visitar este santuario, lhe concederam muitos privilegios, confirmando-lhe todas as doações, trespasses, compras e dadivas, entre os quoes se distinguem D. Ramiro segundo, D. Orlonho, D. Bermudo segundo e D. Affonso quinto. D. Fernando de Leão, primeiro rei de Castella e a rainha D. Sancha sua esposa lhe confirmaram todas as escripturas e exemptions e concederam ao Abade D. Pedro: que o vigario do mosteiro tivesse jurisdicção no civil e crime em todo o terreno comprehendido entre o Ave e Avisella e os dominios de S. Torquato (1)

Este mosteiro foi transformado, a pedido do Conde D. Henrique de Borgonha, em collegiada com o seu D. Prior, Dignidades e Conegos, para o que obteve bullas da Santa Sé e d'ella fez a sua real capella. Mais adeante seu filho D. Affonso Henriques conseguiu que fosse elevada quasi ás honras d'uma sé e a engrandeceu com valiosas dadivas, em honra dos beneficios recebidos pela protecção de Nossa Senhora. Ao dirigir-se este esforçado principe para o Alentejo, a afastar os Mouros do seu dominio, conquistando para a cruz algumas povoações presas do crescente, collocando suas armas no altar da Virgem as tomou como que de Sua mão, e de tal sorte alentado na confiança e protecção que esperava se houve com tal arrojo, pujança e valentia que venceu a memoravel batalha do campo d'Ourique, que lhe cingiu a fronte com a coroa de rei que merecia guerreiro tão crente e tão esforçado.

(Continúa).

P.º ABILIO A. DE PASSOS.

(1) Veja-se a carta de confirmação *Ambiguum* a folhas 37 e a *Sub imperio* d'El-Rei D. Fernando, a folhas 38 do livro de Mumad.

Secção Litteraria

Á VIRGEM IMMACULADA

A ti, que nem roçou da mancha o sello eterno,
que, alçando-te da sombra, alvor affavel deste,
de quem, bem mais que o sceptro, nos doma o olhar terno,
Virgem que inspira amor, Mãe que a innocencia veste,

A ti, no imo d'alma, eu dia a dia interno;
a ti, que ergueste um solio no alçar celeste,
a quem poupou, da culpa, o braço sempiterno,
e para, emfim, reinar, de pranto um mar encheste.

Contemplo-te da luz no magestoso seio;
sagrar primeiro o mundo a ti vae seus louvores;
brilhos o céu te envia, em casto devaneio.

Tudo se arrouba em ti, se apura em teus fulgores,
tudo te canta, ó Mãe!... Mas qual ha tido o aneio
de em troca á gloria tua expor-se ás tuas dores?

O mavioso poeta, que tanto tem abri-
lhantado as paginas do *Progresso Catho-*
lico, o Ill.^{mo} Snr. Manoel Maria Fructuo-
so offereceu-nos a magnifica traducção
dos versos que ali ficam, e fez-nos,
como nós agora fazemos ao leitor, a se-
guinte pergunta: *E' capaz de adivinhar*
quem seja o autor d'esta formosa poe-
sia?

Em seguida apresentou-nos o n.º 15
de dezembro do anno findo, do *Bulle-*
tim de l'oeuvre des facultés catholiques
de Lille, onde vem publicado o origi-
nal, e por baixo dos versos lia-se o se-
guinte, que traduzimos e offertamos
aos assignantes do *Progresso Catholico*
como chave do enigma, que seria diffi-
cil decifrar:

«Quem é o poeta christão, cuja alma
soube achar taes accents e cuja lyra
reproduzil-os com semelhante enthu-
siasmo?... Nós poderíamos accumular
n'uma pagina inteira os pontos de reti-
cencia, que nem assim seriam sufficien-
tes para descobrir o autor. E' ROCHER-
FORT, o conde de ROCHFORT-LUGAY, o
ex-ministro das barricadas, o ex-reda-
ctor da *Lanterna*, o actual redactor em
chefe do *Intransigente!!!*...

«*Quantum mutatus ab illo.*»

UMA BOA RESPOSTA!

O redactor principal d'esta folha, como
resposta á pedantissima pedanteria de
um escrevinhador sem nome, que que-
ria cavaco, ou importancia, dirigiu ao
redactor da *Ordem* a seguinte carta,
que bem merece ser aqui archivada,
para que mais publica seja a reprehen-
são ao atrevido.

Eil-a:

«Meu Silvano.

Um amigo nosso, da redacção da *Or-*
dem d'essa cidade, teve a gentileza de
me franquear as columnas da sua folha
para eu responder, se assim me pare-
cesse, a um artigo (ou coisa que o va-
lha) intitulado:—«A Theologia recalci-
trante; a proposito do Padre Senna Frei-
tas»—que sahio no primeiro numero de
uma recente publicação conimbrincense,

encastoadá em—«Revista scientifica e
litteraria».

Valha-o Deus ao tal amigo N. Que de-
seja elle que eu responda áquillo? Sabe
que mais, diga-lhe, quando o vir, que
não estou para isso. E' licito ter digni-
dade. Respeito-me e respeito a *Ordem*.

Tem graça! Que queria elle que eu
fizesse? Que mettesse uma camisa de
força ao articulista d'escada abaixo para
lhe prevenir novos ataques d'epilepsia?
Que lhe lavasse a lingua em trez barre-
las bem carregadas de potassa? Que lhe
aviasse uma receita de uma colher de
boa educação de duas em duas horas?
Que o amansasse a knut? Não tenho gei-
to para enfermeiro, nem para braçages
de lavanderia, nem para manipulações
de botica, nem muito menos para ver-
dugo. As aggressões da sciencia podem
e devem commover-me; os tregeitos do
polichinello, que cabriola pelas ruas,
não me detem um instante o passo, fa-
zem-me quando muito entresorrir; e as
contorsões do energumeno que escuma
insultos aos transeuntes não me attra-
hem, só me avisam que passe de largo
sem lhes tirotear sequer um monosyllabo.

A demais d'isso, não vejo lá grandes
motivos para que o excellente jornal a
Ordem se embespinhasse tanto contra o
phrasedado de calão que me dirigiu a
Revista. Seria irrisorio armarmos uma
tempestade n'um copo d'agua e levan-
tarmos columnas de poeira por... cou-
sissima nenhuma, *much ado about no-*
thing. Deixar lá a rapasiada retouçar e
devanear á vontade. Tem a indulgencia
plenaria da idade a desculpa-a. Querer-
lhe dar sizo temporão é quasi pretender
lavrar na areia. Não lhe parece?

Ora diga-me cá: quando a gente bus-
ca segurar um boneco de miolo de sa-
bugueiro n'uma posição invertida, fa-
zendo-lhe da cabeça ponte de apoio,
perde o seu tempo, porque o chumbo
(que lhe fórma a base, sendo muito mais
pezado que o sabugo, obriga o *bonhomme*
a retomar a sua posição normal. Para
obter a mechanico-statica desejada era
necessario mudar-lhe o chumbo ou o
pezo para a cabeça. Melhor é aguardar
a *evolução* dos rapaze- da *Revista*: com
ella virá o senso commum, o juizo e
até uma segunda pelle de educação,
mais assetinada.

Esta minha resposta contraria por ven-
tura o meu amigo N. e talvez a V., que
prefeririam um retruque em forma ao
«recalcitrante» do menino Carlos. Então
que querem? Já não estou para aturar
crianças. Aos quarenta e um annos de
idade já se não pega mais n'um cani-
vete para engenhar uma bandarilha de
vime com azas de papel e jogar de par-
ceria n'um curro de vadiositos. Olhe;
se ou fosse Hercules, meu caro Silvano,
fazia como elle fez d'uma vez aos pyg-
meus da Lybia. Lembra-se? Os pygmeus
eram uns homenzarrões de um pequeno
pé d'altura. No tempo da ceifa dos tri-
gaes, hiam cortal-os com machados, nem
que fosse uma floresta cerrada, e cada
um voltava depois para casa, ajoujado
sob o pezo de dez espigas. Um bello dia,
para que lhes ha-de dar na cabeça? para
se metterem com Hercules e declarar-
lhe guerra, formados em dois pelotões.
Meu dicto meu feito. Assaltam-no de im-
proviso em quanto elle dormia sobre a
relva e cada pelotão accommetteu uma
das mãos do matador da hydra. Hercul-
les accordou, pegou n'elles, metteu-os
todos dentro da pelle da hydra, como
quem mette um alqueire de nozes n'um
sacco, e ao chegar a caza assignou-lhes
successivamente um tractado de paz...
no estomago.

Não sou Hercules, repito-o, e ainda
que o fôra, não fazia tanto: limitava-me
a pegar no menino Carlos e em mais um
ou outro da *Revista* (o Snr. Dr. Garcia
esse ficava reservado para a sorte da
hydra de Lerna) e embrulhava-os todos
dentro das sebtas das aulas, para ver
se as ensabavam mais.

Mas não entronco por esgalha nenhuma
no heroe mythico; sou um fracalhão
argamassado com nervos sem musculos.
Pouca mais força tenho que para pegar
n'uma penna, que, ainda assim, manejo
á volta de vinte e cinco annos, desde a épo-
ca em que alguns dos galuchos da *Revista*
andavam de cueiros e outros nem em-
bryonavam no seio materno. Fiquem-se,
pois, em paz e não ás moscas, como di-
ria C. Castello Branco, mas em maré de
rosas no seu alveo de adolescencia. A
sciencia os nutra e a civilidade os des-
baste.

Diga-me uma cousa, amigo: quem é
o tal Carlos Lobo d'Avila? Safa! que já
refila o dente soffrivelmente. Faria bem
de escrever o sobrenome com—l—pe-
queno para segurança das canellas na-
cionaes. Quando me responder, dê-me
uns laibos de informações ácerca d'esse
pobre moço, contra quem, por fim de
contas, não conservo uma onça de ran-
cor e que, a par d'algun espirito, che-
gará talvez ainda a ter o espirito de vir
a ser cordeiro em lugar de lobo.

Adeus. Arrocha-o ás boas o seu
Marco—2—2.º—81.

SENNA FREITAS.»

Retrospecto da quinzena

Está de luto a familia real portugueza, e de luto vestimos nós todos os filhos d'esta terra!

A gentil princeza que ha poucos annos unira seus destinos aos do infelizmente príncipe portuguez o snr. D. Miguel de Bragança, já não existe! Na noite de 7 do corrente, em Oedemburgo, succumbia aos soffrimentos occasionados por um parto difficil, deixando submersos em atroz saudade o esposo que a idolatrava e todos os seus que em extremo a amavam.

Nós, como portuguezes, não podemos deixar de tomar parte na dor que ora afflige o coração d'um príncipe, nascido longe da patria, mas que lhe quer tanto como se n'ella aprendesse a balbuciar as primeiras syllabas do seu idioma.

Receba, pois, o augusto e innocente proscripto os sentidos pezames d'um coração portuguez que, para o venerar, respeitar e estimar não carece de vel-o envolto nos arminhos da realza, nem sentado no throno de seus maiores. É um filho dos nossos reis; é um descendente dos monarchas portuguezes e isso nos basta para que respeitosa nos curvemos e lhe testemunhemos o nosso sentimento pela perda que acaba de soffrer.

A princeza fallecida era descendente d'uma das casas mais nobres da Europa, e era filha do príncipe hereditario de Thurne Taxis. Nascera a 28 de maio de 1860, e despozara o snr. D. Miguel de Bragança em 17 de outubro de 1877. Contava pouco mais de 20 annos a formosa princeza, que juntava á belleza physica as mais altas virtudes que podem adornar uma alma christã.

Que Deus tenha sua alma no logar reservado aos escolhidos, e que ella de lá se não esqueça de nós que de joelhos lhe endereçamos uma fervorosa prece.

Eis como um correspondente d'um jornal portuense descreve os funeraes da augusta princeza:

«Realizou-se no dia 12, o enterro da esposa do snr. D. Miguel de Bragança. Depois de concluidos os officios fúnebres, que começaram ás 9 horas da manhã e concluíram ás 2 horas da tarde, foram os restos mortaes transportados da cathedral para o jazigo provisório de familia, no convento dos Franciscanos de Anzelberg, onde jazem os restos mortaes do snr. D. Miguel de Bragança. O imperador da Austria fez-se representar n'aquelle acto pelo príncipe C. Hoehenlohe, a imperatriz pelo conde de Stupparch, e o rei da Baviera pelo conde de Castell-Castell. Proferiu a oração fúnebre monsenhor Senestrey, bispo de Ratisbona, sendo muito amavel e lison-

geiro nas allusões que fez a Portugal. O cofre que encerra os restos mortaes, e que é de riquissimos labores, era coberto com a antiga bandeira portugueza, de seda branca, bordada a matiz e oiro. Seis mil homens de infantaria, cavallaria e artilheria prestaram as honras militares.»

Em França são ainda motivo para serios commentarios os acontecimentos occasionados pela expulsão dos religiosos de suas casas. Tem dado este triste acontecimento motivo a entusiastas alegrias e a desgraças sem par.

Dêmos primeiro logar á seguinte alegre noticia, que encontramos n'um jornal de Paris:

«Na estação do caminho de ferro de Montparnasse deu-se uma scena comovedora: mais de 500 recrutas iam embarcar, quando de repente viram no meio de si o padre Frei Maria de Brest, que descia de um bond. Apenas os pobres soldados o reconheceram e lhe viram ao peito a cruz da legião de honra fizeram uma verdadeira ovação:

«Viva o expulso! Vivam os capuchinhos! Viva o capellão militar, bradavam todos a um tempo.

O pobre religioso entreteve-se um pouco com os seus bons soldados, deu-lhes paternaes conselhos e separou-se no meio dos applausos do povo.»

Agora a tristissima noticia que nos dá um jornal da nação vizinha:

«Saiu ha dias do hospital de Avignon o cadaver do irmão Philippe Ponzol de Santa Cecilia, beneditino do convento de Vallombrosa, perto de Loriol em Drôme. Expulso de seu convento em cumprimento dos decretos de 29 de março, velho, quasi octogenario, aquelle infeliz empreendeu a pé o longo caminho de Avignon em procura de pão e de abrigo. Chegando ali, a fadiga da viagem, os rigores da estação e a dor agudissima que sentira ao abandonar a casa religiosa onde passara mais de meio século, opprimiram-o tanto, que, não podendo resistir se refugiou no hospital de Santa Martha, onde morreu em breve apesar dos cuidados que lhe dispensaram.»

Eis o que fizeram os vandalos que ora dominam em França!

Não vingou o plano do jornalismo portuguez (liberalismo) ácerca dos jesuitas, e agora voltam-se para outro lado. O paiz não se armou para defender a patria e a liberdade contra o exercito invasor dos *roupetas negras* e procuram por meio de novos embustes revoltar as consciencias contra os institutos das irmãs hospitaleiras.

Os jornaes do Porto deram ha dias a seguinte noticia:

«Hontem, um dos snrs. administradores dos bairros d'esta cidade foi visitar alguns dos estabelecimentos das irmãs hospitaleiras e notou que algumas das taes irmãs eram... homens vestidos com trajes femininos!

Não sabemos das providencias ou resoluções que a auctoridade tomou, com relação a um facto tão extraordinario e escandaloso, porque este acontecimento não é ainda do dominio do publico e é difficil colher informações.

Consta-nos, porém, que procedendo a um interrogatorio na pessoa do porteiro de uma das referidas casas, o hypocrita, habilmente industriado, baixou os olhos e ficou mudo como uma pedra.

É necessario, indispensavel, que as auctoridades investiguem bem e que sejam severamente castigados os delinquentes.

As suppostas irmãs hospitaleiras, para fazerem propaganda jesuitica, recrutam entre a gente pobre creanças para educar.

Ha de ser bella a educação que uns marmanjos impostores dão ás pobres innocentes, quando elles chegam ao ponto de, para realisarem os seus fins apparentarem um sexo differente do seu!

Aqui ha tempos fez-se um barulho incrivel e a policia desenvolveu uma actividade espantosa, por causa d'uma inoffensiva rapariga que vestia trajes de homem. Agora, que se trata d'um caso identico, mas que pôde produzir funestissimas consequencias, vamos ver se as auctoridades cumprirão os seus deveres, castigando os crininosos, ou se o crime será abafado como ás vezes acontece, quando se dá com pessoas de altas influencias.

Consta-nos que esta questão vae ser tratada no parlamento por um dos nossos mais distinctos deputados.»

A noticia desmente-se a si mesma, e mostra evidentemente a calumnia e a perversidade dos auctores.

A auctoridade conhece homens vestidos de irmãs hospitaleiras e não os prende; não se sabe de providencias tomadas; mas é ainda do dominio publico a noticia, e sabe-se já, ao dar a noticia, que o facto vae ser tratado nas camaras por um *dos mais distinctos deputados!*

Outro officio, senhores jornalistas dos tres pontinhos! Por qualquer lado que tentem o ataque não abrem brecha; estejam certos d'isso.

No proximo numero fallamos do facto.

O que motiva certamente estes desesperados ataques é o movimento catholico que se nota em Portugal. Vae desaparecendo a indifferença religiosa, e d'aqui a desordem, a calumnia, a infa-

mia no campo do atheismo maçonico-protestante.

Em Braga a Virgem Immaculada do Sameiro é o sol que acalenta aquelle povo verdadeiramente catholico. As economias de todos os bracarenses são para enriquecer o pequeno santuario da formosa imagem. Vejamos o que o nosso collega do *Commercio do Minho* nos annuncia:

«Effectuar-se-ha no dia 20 de março proximo a peregrinação da devota classe das creadas, d'esta cidade.

E' já notoria a importancia do donativo que ella faz para adorno d'aquelle templo: consta de tres excellentes reposteiros para as duas portas da capella-mór e para a porta principal do templo.

Ainda que por enquanto não possamos noticiar aos nossos assignantes todos os promenores d'este religioso acto, sabemos que os apreciaveis objectos que constituem o donativo serão conduzidos na peregrinação com adequada solemnidade; que em seguida á chegada da peregrinação, haverá duas missas resadas, sendo uma applicada pela alma do revd.º padre Martinho Antonio Pereira da Silva, de saudosa memoria, e a outra por intenção dos devotos, cujas esmolas produziram aquelle donativo; que n'um d'aquelles incruentos sacrificios haverá Communhão geral, impetrando-se para quem n'ella tomar parte indulgencia plenaria; que haverá sermão pré-gado pelo revd.º snr. padre Manoel de Souza Teixeira, e concluirá este religioso acto pela Ladainha da Virgem.

Não se poderá dizer com verdade que esta humilde classe não sobresahe a outras muitas, por esta tão tocante e pia manifestação religiosa.»

Mais ainda:

«Os snrs. Luiz Baptista, Esmerizes e Gomes de Campos, dirigem á classe artistica musical o seguinte convite, para todos os seus collegas offerecerem um orgão para a capella da Santissima Virgem.

Bem hajam!

O convite é concebido nos termos seguintes:

Sendo o monumento do Sameiro o alvo onde todo o povo portuguez dirige as suas atenções, e em cuja capella existe aquella Santa, Quirida, Sympathica e Saudosa Imagem, que por tanto tempo foi ternamente venerada na igreja do Populo d'esta cidade, o que deu motivo a que diversas classes tenham ido alli, como em romagem, mitigar essa saudade, offerecendo objectos proprios para a decente veneração e culto da Virgem immaculada—tambem nós desejamos offertar um objecto indispensavel, e que sirva para acompanhar os louvores, que em canticos d'harmonia se elevam ao ceu em honra da Conceição Immaculada de Maria. Este objecto é um

orgão harmonium. E porque não ha de haver-o na capella do Sameiro, se tantas classes alli tem ido levar as suas offerendas? Porque não ha de a classe artistica musical, ir tambem em peregrinação, levar e offercer aquella ternna Mãe um donativo proprio para lhe entoar os seus louvores, acompanhando os canticos da devoção com o incenso da oração que os fleis endereçam á Santissima Virgem?

Os abaixo assignados, cogitando nos religiosos sentimentos dos professores e amadores de musica, esperam que todos elles não deixarão de concorrer com o seu obolo, por pequeno que seja, para este donativo, consagrado á Santissima Virgem Immaculada.

Luiz Baptista da Silva.

Luiz Maria d'Araujo Esmeriz (The-soureiro).

Antonio Maria d'Araujo Esmeriz.

João Maria d'Araujo Esmeriz.

Antonio F. Gomes de Campos.

(Em tempo competente se annunciara o dia da peregrinação.)»

Ha pouco, na mesma cidade, por occasião d'um sarau artistico em beneficio da Conferencia de S. Vicente de Paulo, deram os bracarenses dobradas provas do seu amor pela religião de Jesus Christo; e por toda a parte, nas conferencias religiosas, nos jornaes, em toda a parte se sente uma tendencia para despedaçar as cadeias que o atheismo tem chumbadas aos pulsos d'este povo catholico.

E é isto o que faz tremer os derrocadores de tudo que ha de grande em Portugal; d'aqui a sanha com que vomitam insultos e calumnias. Mas Deus ha-de dar a victoria aos seus, porque sempre, e em todos os tempos assim tem acontecido.

J. DE FREITAS.

Secção Bibliographica

O NOVO MENSAGEIRO DO CORAÇÃO DE JESUS

No proximo mez de março publicarse-ha em Lisboa o 1.º numero do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, acabando o *Mensageiro* que se publicava no Porto, de accordo com a nova empreza. E' de esperar que todos os assignantes do antigo passem para o *Novo Mensageiro*, e que acudam muitos mais. Já foi encomendado, segundo nos consta, papel especial na fabrica da *Abitheira*; e como a empreza não é movida por interesses materiaes, em vez das 48 paginas prometidas no programma, dará 64 em cada numero ou fasciculo broxado, sem augmento de preço (800 réis por anno!) E' uma baratesa excepcional, e está pedindo da parte de todos os catholicos que estejam no caso,

decidida coadjuvação, apressando-se em assignar, promover assignaturas e enviar ao administrador—J. Franco de Souza, rua do Arco do Bandeira, 30. Lisboa—o importe.

HISTORIA DE PIO IX — 4.º VOLUME DA HISTORIA POPULAR DOS PAPAS
Vai ser distribuido o 1.º fasciculo nos primeiros dias de março.

OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, por Cesar Cantu

Está concluida a publicação d'esta obra importante. Fallaremos d'ella no proximo numero.

O CURA DE ALDEIA, por Perez Escrich

Temos ante nós o 1.º vol. da 2.ª edição d'este esplendido romance; fallaremos d'elle tambem no proximo numero bem como de outras muitas publicações que agradecemos aos editores e auctores.

SEPTENARIO DAS DORES DE NOSSA SENHORA

A livraria Teixeira de Freitas fez agora uma edição d'este pequeno livrinho, que muito recommendamos ás pessoas que queiram fazer o septenario das Dores da Virgem Santissima. E' o melhor que se conhece e custa franco de porte 60 réis.

Recommendal-o é recommendar uma das devoções que mais deve agradar á Mãe de Deus.

F. DE GUIMARÃES.

Ao nosso estimavel collega da Madeira, a «Verdade» enviamos cordaes parabens por haver enectado o 7.º anno da sua publicação.

Subscrição para o infeliz entrevado que deseja ir a Lourdes

Transporte	5\$975
De dois peccadores, e um innocente, para que o romeiro reze por sua tenção uma Ave Maria na Gruta da apparição	600
Somma.....	65575
Continua aberta a subscrição.	

EXPEDIENTE

O proximo numero será acompanhado de um supplemento e n'elle daremos a lista, por numeros, das assignaturas pagas.

Em quanto esperamos que os senhores que estão em divida mandem satisfazer.